

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

HILL (John H. e Laurita). — **Raymond IV de Saint Gilles, Comte de Toulouse.** Tradução para o francês e complementação de Francisque Costa e Phellippe Wolff. Toulouse, Ed. Edouard Privat, 1959. Coleção "Bibliothèque Méridionale". XXII + 146 pp. com 3 mapas fora do texto.

Constitui-se o livro em foco numa biografia do grande chefe cruzado, Raimundo IV de Saint-Gilles, Conde de Toulouse. Mas, é útil esclarecer, trata-se de uma biografia rigorosamente histórica, aspecto que deve ser ressaltado porque, precisamente, o gênero referido apresenta dois perigos, aqui cuidadosamente evitados: o de esquecer o aspecto histórico e cair na biografia romanceada, ou então esquecer num dado momento o personagem, tomando-o como mero pretexto para a abordagem de temas históricos de caráter geral.

A bibliografia dedicada ao Conde de Toulouse estando longa de ser parca, poderia fazer com que a obra em questão se constituísse numa mera compilação. Porém, têm os Autores em mira um objetivo que justifica a presente publicação e, para melhor compreendê-lo, convém transcrever esta passagem das primeiras páginas:

"Sur cet homme, contemporains, continuateurs et historiens ont porté bien de jugements contradictoires. Nous apprenon qu'il passa son existence à guerroyer contre les seigneurs du voisinage, tout autant que contre les Musulmans d'Espagne et du Proche Orient. Le premier à prendre le guet la nuit, le dernier à quitter son poste, il fut un soldat qui frappa l'imagination de ses ennemis païens. "Saint Gilles, que Dieu le maudisse", écrivaient-ils dans leurs chroniques, tout en reconnaissant sa bravoure. Ses entreprises guerrières lui coûtèrent un oeil et, plus tard, d'après les Musulmans, la vie... On le peint souvent cupide, superstitieux, irascible, prompt à la colère; un homme qui ne voulait point d'épouse légitime, et pourtant qui "brillait parmi tous les Latins comme le soleil parmi les astres". On le disait digne de louanges en tous points, chevalier courageux, "serviteur dévoué du Seigneur" et aussi fanatique. S'était un chef sans pitié qui ordonnait de trancher pieds et mains à ses prisonniers slaves et de laisser leurs corps mutilés sur la route comme un terrible avertissement pour leur compagnons. Sans doute, si Raymond mérite tout ce que l'on a écrit de lui, il est l'image de ces contrastes caractéristiques de l'esprit médiéval, de la violence de la guerre sainte mêlée à un sentiment religieux sincère".

Por essa transcrição verifica-se ser o Conde de Toulouse uma personalidade histórica controvertida e, ainda mais, que a posição dos Autores é de franca simpatia para com êle. Na verdade, a preocupação que podemos observar a cada instante é a de destacar a importância de sua atuação, obscurecida freqüentemente pelos méritos atribuídos a Boemundo, filho de Robert Guiscard, Roberto Corteheuse da Normandia, Tancredo e Godofredo de Bouillon. E, efe-

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (Nota da Redação).

tivamente, terminada a leitura do livro é difícil não admitir que Raimundo IV não tem sido injustiçado freqüentemente, vítima de cronistas a serviço do seu rival Boemundo, como por exemplo Raul de Caen, preocupados em comprometê-lo para melhor justificar a conduta do filho de Robert Guiscard, por ter êste se apossado de Antioquia.

Compõe-se o livro de sete capítulos. O primeiro abôrda a fase inicial da existência do biografado, enquanto o segundo já o mostra comprometido desde o início com a idéia de Cruzada levantada por Urbano II. Em seguida, no capítulo terceiro, é narrada a viagem dos cruzados provençais até Constantinopla e a posição de Raimundo IV nos entendimentos dos chefes Cruzados com o imperador bizantino Aleixo Comneno, a princípio de desinteligência, seguida de aliança, respeitada até o fim pelo provençal. No capítulo IV é relatada a passagem dos Cruzados para a Ásia e sua trajetória até a tomada de Antioquia, enquanto o capítulo subsequente é dedicado ao conflito entre normandos e provençais, com o biografado procurando induzir Boemundo a cumprir seus compromissos com Aleixo. A marcha dos Cruzados até Jerusalém e a sua tomada ocupam o capítulo sexto, sendo o sétimo reservado à fase final das atividades de Raimundo no Oriente, visto ter êle feito voto de lá morrer, combatendo sob a Cruz até o fim de sua existência. A conclusão visa reforçar os argumentos expendidos no transcorrer do livro em favor da valorização da atuação do Conde de Toulouse na Primeira Cruzada, sendo apontado como aquêle, entre os chefes militares da mesma, que melhor encarnou o espirito religioso que a inspirou.

No transcorrer do livro afloram temas secundários tais como o das normas de sucessão hereditária no Midi francês do século XI, a posição da Igreja em face aos casamentos consangüíneos na época, a política papal de Urbano II na França, onde buscou apôio que compensasse suas dificuldades com o Santo Império Romano-Germânico e muitos outros, os quais ganham nova luz no contexto de uma biografia histórica. A crítica às fontes, por outro lado, conduz a observações interessantes relativamente às tendências dos cronistas da época, tornando a obra atraente aos interessados em historiografia medieval. Finalizando, a obra representa um indiscutível enriquecimento à bibliografia relativa ao personagem focalizado e à primeira Cruzada, sendo indicada aos interessados nesse setor da história da idade média.

VICTOR DEODATO DA SILVA

*

* *

FLORES (Xavier A.). — *Le "Peso Político de Todo el Mundo" d'Anthony Sherley ou Un Aventurier au Service de l'Espagne.* École Pratique des Hautes Études. VI^e section. Centre de Recherches Historiques. Paris. S.E.V.P.E.N. Collection "Bibliothèque générale". 1963.

Este estudo, o último publicado pela **École Pratique des Hautes Études** entre as obras consagradas aos viajantes e mercadores do século XVI, oferece ao estudioso da História a primeira edição crítica do **Peso político de todo el mundo** redigido pelo célebre aventureiro inglês Sir Anthony Sherley, obra dedicada ao Conde-Duque de Olivares, primeiro ministro de Filipe IV de Espanha.

O aventureiro foi pirata nas Antilhas, capitão na guerra de Flandres, embaixador do Chá da Pérsia junto aos príncipes cristãos, embaixador do imperador Rodolfo II da Alemanha em Marrocos, depois almirante da frota espanhola no Mediterrâneo e Conselheiro da Corôa; Anthony Sherley encarnava perfeitamente a extraordinária versatilidade dos homens do seu tempo.

O "**peso político de todo el mundo**", nos oferece, além das descrições históricas que mostram a extraordinária erudição de seu autor, um quadro bastante completo do comércio mantido pelas nações nessa época, que esclarece singularmente os nossos conhecimentos do mundo econômico do século XVI; Anthony Sherley avalia o "pêso" de cada país, sua capacidade em prover as suas necessidades ou o seu grau de dependência em face das potências estrangeiras.

Finalmente, seu plano do reerguimento da situação espanhola, graças à paz com o Turco, o bloqueio de Gibraltar e a reforma dos circuitos econômicos, nos mostram a que ponto esse gentilhomem aventureiro, consagrado ao serviço da Espanha, chegou a identificar-se com essa nação, da qual êle não aceitava o inevitável declínio, essa "decadencia de España" que permanecem até aos nossos dias como o **leitmotiv** angustiante dos seus mais brilhantes pensadores.

E. S. P.

*

* *

MENDES (José de Castro). — **Efemérides Campineiras (1739-1960)**,
Editôra Gráfica Palmeiras, Campinas, 1963. 200 págs.

Reunindo à sua condição de artista e a de pesquisador interessado nos fastos de sua cidade natal, o sr. José de Castro Mendes já deu a Campinas, entre outras, duas valiosas contribuições para a história local: **Lavoura cafeeira paulista** (velhas fazendas do município de Campinas), volume editado e gratuitamente distribuído pelo extinto Departamento Estadual de Informações de São Paulo, em 1947, no qual acresceu às aquarelas de sua autoria, um texto introdutório do engenheiro agrônomo José Estêvão Teixeira Mendes, constituindo suas pinturas uma retrospectiva das mais importantes sobre as edificações e aspectos vários dos latifúndios cafeeiros da chamada **zona velha** do oeste paulista. O segundo trabalho são os **Retratos da velha Campinas**, editado em 1951 pelo Departamento de Cultura de São Paulo, os quais também representam preciosa mostra iconográfica, recolhida de artistas que desenharam particularmente logradouros da cidade no século XIX, como Hércules Floren-

ce, H. Lewis e Juiles Martin, além de reunir inestimável acervo de fotografias antigas, muitas datadas do século XIX e início do século XX, fixando solares nobres, velhas fazendas, acontecimentos públicos, cenas, edifícios, monumentos, becos e ruas, chafarizes, linhas de bonde a tração animal, passeios públicos, etc., num conjunto que, enriquecido por aguarelas de sua autoria, permite ao leitor comparações e a avaliação do extraordinário desenvolvimento da cidade.

A esses dois trabalhos, que hoje em dia constituem raridades bibliográficas, junta agora J. C. Mendes estas **Efemérides campineiras** (1739-1960), resultado de paciente esforço de arrolamento e pesquisa, cuja consulta será indispensável àquêle que, futuramente, pretenda escrever a história daquela cidade.

A exemplo do Barão do Rio Branco na elaboração de suas excelentes **Efemérides Brasileiras**, que as publicou originalmente como pequenas notas comemorativas diárias, no então recém-fundado **Jornal do Brasil** (1891), J. C. Mendes também inseriu em primeira mão estas notícias num dos jornais de Campinas, reunindo-as agora neste volume.

Preferindo a um escôrço histórico da cidade, através de mais de dois séculos que já transcorreram desde a sua fundação, apenas uma coleção de **flashes** e registros referentes ao início dêste século, é com ela que o autor inicia o volume, dando a essas páginas o título de **Reminiscências**, que deve mesmo corresponder, na maioria das vezes, às suas recordações pessoais. Segue-se a toponímia das ruas e praças, mostrando as mudanças que sofreram.

As efemérides começam no ano de 1739, quando o taubateano Francisco Barreto Leme vem-se estabelecer com a sua família no local então conhecido por Campinas do Mato Grosso.

Na escôlha das datas não deixou de prevalecer o critério pessoal. Este, embora discutível em muitos casos, no conjunto das efemérides corresponde ao que se pode julgar de mais significativo na história da cidade, arrolado aliás com objetividade pelo autor.

Nesse sentido, desta primeira leitura de suas páginas, ficamos algumas sugestões para acrescentamentos, que julgamos merecerem acolhida nelas, acreditando ainda que muitos outros poderão ser lembrados.

Assim, se o autor consigna a passagem por Campinas, em outubro de 1819, de Augusto de Saint-Hilaire, deveria fazê-lo, também, com relação a Luís D'Alincourt, que ali estivera um ano antes a caminho de Cuiabá, a Daniel P. Kidder, pastor norte-americano que passou por Campinas em 1839, a Augusto Emilio Zaluar (1860-1861) e ao suiço Barão João Tiago von Tschudi, que nos deixaram páginas interessantes sôbre a cidade, além de outros que devem estar no mesmo caso.

Registrando a encenação da **Pastoral** de Coelho Neto no Natal de 1903, poderia, afora isso, destacar a permanência do escritor em Campinas, de 1901 a 1904, assinalada por uma série de acontecimentos culturais. E assim por diante.

De Ao inventariar, de maneira destacada, as datas relativas à história do cinematógrafo em Campinas, J. C. Mendes oferece subsídios à preocupação da Cinemateca Brasileira em conhecer e recolher dados sobre tentativas pioneiras de filmagens, relativamente bem sucedidas, como a do filme **João da Mata**, realizado pela **Phenix Filme** em 1923, e das películas que se seguiram por iniciativa da **A. P. A. Filmes**.

Completa ainda este volume um Documentário Iconográfico, no qual o autor aproveita também inúmeros clichês que figuraram nos seus **Retratos da Velha Campinas** e em publicações insertas na imprensa campineira, apresentando desenhos e fotos de valor histórico, muitos dos quais mereceriam um esforço de pesquisa, para a identificação de sua autoria.

Transcrição de notícias jornalísticas e documentos diversos fundamentam a cada passo os registros feitos pelo autor. A bibliografia e em fontes de que se utilizou são das melhores que Campinas possui, isto é, as coleções de jornais e revistas conservadas no precioso arquivo do Centro de Ciências, Letras e Artes daquela cidade, os diversos almanaques e os cronistas históricos que escreveram sobre a urbe. Dessas fontes mais conhecidas, poucas são as que não foram consultadas, como é o caso do **Almanaque de Campinas para 1871**, de José Maria Lisboa ou a coleção dos **Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo**, estando nesta última insertas algumas representações dos campineiros que assinalam acontecimentos importantes, registrados inclusive nestas efemérides.

Fecha o volume um índice de assuntos que muito auxiliará o leitor, particularmente pela natureza da obra, que implica em matéria muito variada.

JOSE ROBERTO DO AMARAL LAPA